

ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS

Diário de Minas, 10-2-1957

C A D E I R A N.º 2

ARTUR FRANÇA — Nasceu Artur Diamantino França em Diamantina no dia 1º de junho de 1881 e faleceu na mesma cidade em 11 de outubro de 1902, vítima de insidiosa moléstia. Foram seus pais Americo Diamantino França e Augusta Afonsina de Oliveira. Aos cinco anos de idade, começou a frequentar a escola de sua tia Angélica Vieira. Senhora dotada de apreciável cul-



Artur França

tura literária, incutiu no aluno gosto pelas letras. Conseguindo sólido curso primário, matriculou-se, muito jovem ainda, na Escola Normal de sua terra. Em virtude de dificuldades financeiras, viu-se obrigado a abandonar os estudos, submetendo-se a concurso nos Correios, obtendo o primeiro lugar. Muito embora fosse contrariado pelo pai nas tendências irrefreáveis que revelava para a literatura, deu asas à vigorosa imaginação. Fundou, com alguns companheiros, o Grémio Literário "Joaquim Felício" e nele procurou adestrar-se aos vãos literários. Foi, também, um dos fundadores da revista "Acaiaça", de pouca duração (seis meses). Muito franzino, ligeiramente estrábico, saúde delicada, não se deixava vencer entretanto, pelos tropéços da vida. Velocidade, sorrateira, a tuberculose, tributo que pagou entre lágrimas. Deixou três livros: "Hóstia", "Sonetos" e uma coletânea, que

ficou sem título. Pouco antes de falecer pediu o poeta a seu inseparável amigo Aldo Delfino que escolhesse nome para seu último caderno, de poesias. Romântico, sob indefinição, que parecia roçar pelo simbolismo, Artur França reunia todas as prendas intelectuais para se tornar figura de relevo no cenário das letras nacionais. Homens ilustres não esconderam admiração pelo desditoso bardo diamantinense. Aldo Delfino consagrou-lhe, além do próprio nome na cadeira, que fundou na Academia, um belo estudo, que se lê na "Revista da Academia", vol. III. No volume XIV, da mesma "Revista", acham-se publicados alguns dos seus poemas. Por sua breve passagem no mundo e pela sua mensagem lírica, ficou sendo uma espécie de Novalis das montanhas mineiras.

2

ALDO DELFINO — Fundador da cadeira n. 2, do grupo dos Trinta primitivos acadêmicos: Aldo Luis Delfino dos Santos Ferreira Lobo nasceu na Capital Federal no dia 12 de novembro de 1872 e nela veio a falecer em 21 de dezembro de 1945. Era filho do grande poeta Luís Delfino. Estudou humanidades com os Jesuítas em São Paulo. Premido pelas dificuldades de vida, não pôde prosseguir os estudos. Regressou ao Rio, para se entregar à arte tipográfica. Colocando-se nos Correios, foi enviado para Diamantina, onde se ligou em fraterna amizade aos intelectuais do tempo, entre os quais o jovem Artur França. Tomando parte em grêmio literários (foi um dos fundadores do Grêmio Literário "Joaquim Felício), fundando revistas ("Acaíaca"), colaborando em jornais do Estado, não conheceu Aldo Delfino descanso algum. Dotado de imensa capacidade de trabalho, profundamente sincero, generoso, afetivo, fazia o culto da amizade. Forçado a deixar Diamantina, foi para Ouro Preto em promoção e daí para Belo Horizonte, onde residiu muitos anos. Obtendo aposentadoria, retirou-se para a Capital Federal, onde



Aldo Delfino

veio a falecer, pouco tempo depois. Publicou: "Cabra Curado", os romances "Diamantina" e "Zé Miguel" (em folhetins, no "Correio de Minas", de Juiz de Fora). Escreveu: "Pelo tempo da moagem" (romance), "Lendas e Ruínas" (crônicas e fantasias), "Nas estradas" (episódios da vida sertaneja), "Nhô Chico" (novela). Filho do próprio esforço, sem dever coisa alguma à glória paterna, impôs-se à admiração e ao apreço dos intelectuais mineiros. Atesta isso a sua escolha para membro da Academia, feita pelo primitivo grupo dos "Deze". Aldo Delfino é ao lado de Lindolfo Gomes, o narrador da fundação do cenáculo. Foi delegado da Academia junto da Federação das Academias de Letras do Brasil. Votava grande admiração e amizade a José Osvaldo de Araújo, e tão grande era o apreço que dedicava a este ilustre mineiro que, antes de falecer, manifestara o desejo de por ele ser sucedido na instituição. Testamento afetuoso e justo, foi cumprido religiosamente, com honra para a Academia e das próprias letras mineiras.